



QUAIS CORPOS IMPORTAM?
Ileana Diéguez

Suplemento 5 | Teatro e censura

boca de cena

Revista de Artes Cênicas da Bahia / Oco Teatro Laboratório

CASA EDITORA:



CASA PRODUTORA:



REALIZAÇÃO:



Esta edição da revista Boca de Cena - Suplemento, tem apoio financeiro do Estado da Bahia, através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

QUAIS CORPOS IMPORTAM?

Ileana Diéguez

Qual posição poderia oferecer, o âmbito dos excluídos e objectos, à hegemonia simbólica que obriga a rearticular radicalmente aquilo que determina quais corpos importam, quais estilos de vida se consideram “vida”, quais vidas valem a pena proteger, quais vidas valem a pena salvar, quais vidas merecem que a sua perda seja um pranto? JUDITH BUTLER¹

Quais corpos importam? Esta pergunta retoma a enunciação apontada por Butler para pensar os corpos que importam ou deixam de ter importância nos marcos da guerra e nas políticas discriminatórias para

1. *Tradução nossa do castelhano.*

aqueles que não se enquadram no binarismo do gênero. Esta pergunta sobre quais corpos têm importância, é estendida até muitos cenários de luta política na atualidade, onde colocar o corpo para se posicionar é expor a própria vida.

As desapareições podem acontecer de diversas formas, praticamente quando apagamos ou negamos o outro ou a outra. Anular a quem não pensa do jeito que o regime impõe, reduzir a “nada” ou dizer “você é ninguém” a quem pensa diferente, é uma prática dos regimes totalitários para produzir o controle nos cidadãos de um país como Cuba.

Você não existe, eu não escuto você, não vejo você, você “ninguém”, eu

derrubo a sua porta, tiro você da sua moradia à força, sob uma desmedida violência, sobretudo quando se trata de pessoas que vivem em uma situação precária por greve de fome ou sede prolongada. Levo você, Deus sabe aonde, enquanto você é um desaparecido para as pessoas que tentam localizar você, pelo menos momentaneamente. Liberto você e encerro você na sua casa, colocamos policiais para vigiar você e apressar você caso você queira sair. Ou simplesmente não deixo você voltar à sua casa porque não é sua, pertence ao Estado que a violentou impunemente, e você não pode retornar a ela, e você não pode se negar a aceitar esta condição de despejo. Você será um errante, um morador de rua, um homem ou uma mulher sem direitos,

no sentido mais absoluto. Quais são os corpos que têm importância para o regime cubano?

Isto acontece no país onde nasci e de onde eu saí há mais de vinte anos. Isto acontece em Havana, foi na noite do 26 de novembro de 2020 e continua acontecendo com cada pessoa que tente manifestar um pensamento diferente. Simplesmente, enunciar esta situação é descrever um lugar onde são violentadas as garantias cidadãs, os direitos civis, onde tem-se imposto uma forma violenta de negar a quem não pensa igual, utilizando não somente a força do Estado, mas manipulando as pessoas para que realizem os chamados “atos de repúdio” e gritem *slogans* a favor do regime, fora de tempo e de

lugar. Assim, eles fazem acreditar que foi um enfrentamento, por um lado, de cidadãos “respeitáveis e revolucionários” e do outro, pessoas que apenas têm direito de ser consideradas humanas porque se atrevem a dissentir e porque “com certeza estarão pagos pela CIA” -faz muito tempo que este é o pretexto perfeito para desacreditar àqueles que pensam diferente-. Sabemos que é uma prática habitual dos poderes, de recorrer a supostos enfrentamentos de civis para justificar o massacre de populações inteiras. Assim aconteceu em Acteal.

Penso naqueles que me aconselharam a não fazer públicas estas páginas que, muito provavelmente, pensarão, vão me lançar nos caminhos

“politicamente incorretos”. Bem-vinda sempre a prática do pensamento “incorreto” se é que aí cabe o dissenso. Porque a política correta disse que, a Cuba e às práticas do seu governo, não se podem criticar, porque têm consagrado a Cuba em um tempo épico e foi lhe retirada a sua humanidade. Cuba, parece para alguns, ter ficado nessa legião de heróis que, como deuses, pretendem seguir falando às massas para guiá-la pelo “caminho correto” de uma única verdade, um único partido, uma única maneira de enxergar: “você está conosco ou contra nós”. Uma retórica cínica que alguns ainda preferem ignorar para seguir pensando na promessa de um tempo pervertido.

Frente a um nutrido círculo de

fiéis seguidores da mitologia revolucionária - assim como acontece com os republicanos que cegamente acreditam em Donald Trump e suas barbáries - espera-se que eu continue falando dos detidos, dos mortos e dos desaparecidos em qualquer país onde sejam reconhecidos, de fato, os terrorismos de Estado, as guerras sujas, as ditaduras militares: mas, jamais falar das violações dos direitos dos cubanos por pensar, manifestar-se, opinar e viver. Parece que, nesta parte da “verdade e a justiça”, os cubanos e as cubanas são convidados e convidadas de pedra. Os nossos corpos não importam na soma de lutas pela verdade e a justiça que teve e continua tendo lugar em América Latina?

Cada vez mais, os gestos est/éticos de cidadãos cubanos e cidadãs cubanas, artistas ou não, intelectuais ou não me fazem evocar estratégias que foram colocadas em jogo para expandir a luta simbólica da sociedade civil. Hoje, vi uma fotografia dos integrantes do Movimento San Isidro, quando ainda estavam em seu bairro e espaço, cobertos com a bandeira cubana e lembrei quando, em Lima, sob as chamadas do Coletivo Sociedade Civil, as pessoas que lavavam a bandeira para protestar contra a ditadura de Fujimori também decidiram cobrir-se com a insígnia nacional e cantar o hino do país, como foi feito por aqueles que se manifestaram frente à Embaixada de Cuba, no México, assim como também foi feito pelas centenas de jovens reunidos frente

ao Ministério da Cultura em Havana. Porque os símbolos pátrios são de todos e todas os que integram uma nação, pertencem a todos os cidadãos e são parte de um potencial simbólico que ainda ativa afetos.

Poderia não ter escrito estas linhas, realmente poderia? E continuar falando das violações dos direitos na Argentina, no Chile, no Peru, em Colômbia, no México – que, de fato, continuarei fazendo -; ter engasgado as palavras vindas do país onde nascemos e vivemos quase a metade da nossa vida; poderia ter deixado que o medo e a vergonha vencessem ou o terror de continuar a perder uma ilha, uma família e um cúmulo de afetos que têm me segurado, me silenciaram. Mas, em momentos muito difíceis,

têm sido o pensamento e a palavra aqueles que têm me permitido continuar vivendo para além do medo e da dor. Lembro e começo a compreender a *bell books* quando disse que a teoria - ou o pensamento - é libertadora e que a ajudou a se curar das violências e dores que têm vivido. Por isso e porque não posso e não quero esconder a raiva, escrevo. A raiva é um carburador para o pensamento, dizia Bauman. Por isso, exponho meus pensamentos e palavras, porque desejo viver sem medo, como desejam todas e todos os cubanos e cubanas, também Luis Manuel Otero Alcántara, Anamely Ramos e muitíssimos outros e outras cubanos e cubanas que estão oferendando sua vida nestes

momentos nos quais eu escrevo. Onde está Luis Manuel Otero Alcántara? Continua sendo uma urgência que nos perturba e nos angustia.

Acredito nas ações contra as violações, quaisquer que sejam, feminicídios, desapareições forçadas, assassinatos, encarceramentos, confinamentos e atos de poder contra qualquer pessoa. Mas, acredito que essas ações contra as violações devem ser realizadas em qualquer parte deste mundo em que vivemos, onde for necessário. Não posso entender que, àqueles que também importam o direito à vida digna, àqueles que nos lugares onde vivem tenham lutado por um mundo sem violências e

o continuem fazendo, colocando o próprio corpo, não entendam hoje que disso também se trata a “mítica” ilha de Cuba. Quais são os corpos que, de fato, importam?

Recentemente, três intelectuais cubanos - Iván de la Nuez, Jorge Ferrer e César Mora - consideraram que não precisamos mais de mártires, porque “já são demasiadas as cruzes e a dor e o sangue” e por que não queremos continuar imersos em uma cultura da morte. Queria agregar que não precisamos mais mitos e que não precisamos que nos imaginem a partir de sonhos não realizados. O que precisamos é poder segurar um tempo e um lugar onde as vidas - a vida digna - de todos os cubanos e cubanas realmente importem.

29 de novembro de 2020.

ILEANA DIÉGUEZ

Ileana Diéguez Caballero. Pesquisadora cênica de origem cubana radicada no México. Professora no Departamento de Humanidades da Universidade Autônoma Metropolitana, Unida Cuajimalpa. Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores. Doutora em Letras pela UNAM com estudos de pós-graduação em História da Arte na mesma instituição. Integrante da Cátedra Itinerante da cena Latino-Americana. Durante dez anos foi vice-diretora da Escola Internacional de Teatro de América Latina e do Caribe. Autora de inúmeros textos sobre teatralidade, artes performativas e práticas políticas e coordenadora de vários cursos e encontros internacionais sobre estes temas. Curadora dos projetos Desmontajes: procesos de investigación y creación (CITRU/INBA, 2003-2009) e Des/montar la

re/presentación (CA Expresión y representación, UAM-C, 2010). Autora dos libros “Cenários Liminares. Teatralidades, Performances e Política” e “Corpos sem luto. Iconografias e teatralidades da dor”.



Apóio Operacional:



**GOVERNO
DO ESTADO**

SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA DE CULTURA DA
BAHIA

SECRETARIA DE
CULTURA



ARQUIVO NACIONAL
BRASIL
SECRETARIA DE ARQUIVOS